

Do cuidado em sua tríplice estruturação e sua conexão com a decisão por um sentido próprio à existência

On care in its triple structuring and its connection with the decision for a proper meaning of existence

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

kahlmeyermertens@gmail.com

Resumo

O tema do artigo é o cuidado (*Sorge*) em sua tríplice estruturação. Abordado na analítica existencial de *Ser e tempo*, de Heidegger, o objetivo é mostrar que o cuidado é um existencial implicado na dinâmica do ser-aí (*Dasein*) em se tornar o que ele é. Evidenciamos que o cuidado permanece ativo nos comportamentos do ser-no-mundo, e que na dimensão ôntico-existenciária das ocupações e preocupações, sendo determinante da dimensão ontológico-existencial do ser-aí. Ao fim, estabelecendo a relação entre o cuidado e a noção de decisão, focalizamos as modalizações do cuidado enquanto cuidado-próprio e impróprio, o que se refere ao modo de autenticidade e inautenticidade de tal existente. Nossa pesquisa evitou entrar na questão da totalidade do todo existencial, bem como explorar o cuidado como abertura pré-teórica para lida com os entes. Antes, contemplou o caráter prático desse existencial no que ele se refere ao que o ser-aí se torna na existência.

Palavras-chave: Cuidado. Decisão. Ser do ser-aí. *Ser e tempo*. Heidegger

Abstract

The theme is the care (Sorge) in its threefold structure. Approached in the existential analytics of Being and Time, our objective is to show that care is involved in the dynamics of Being-there (Dasein) in becoming what it is. We will need to show that care remains active in the behaviors of Being-in-the-world, and that in the ontic-existential dimension of occupations and concerns, being a determinant of the ontological-existential dimension of Being-there. Establishing the relationship between care and the notion of decision, we

intend to focus on the modalities of care as proper care and improper, which refers to the mode of authenticity and inauthenticity of such an existing. Our research avoided entering into the question of the totality of the existential whole of the Being-there, as well as exploring care as a pre-theoretical opening for dealing with beings. Rather, it contemplated the practical character of this existential as it refers to what Being-there becomes in existence.

Keywords: Care. Decision. Being of Being-there. Being and Time. Heidegger

O que busca, o que vela, o que guarda – isto significa o cuidado enquanto traço fundamental do ser-aí. Em seu nome se reúne a determinação do humano, i.e., a partir do ser-aí, na medida em que ele é concebido, em seu fundamento [...] (HEIDEGGER, 1989, p. 17-18).¹

Introdução

É assim que o conceito de cuidado se formula em *Contribuições à filosofia* (1938), obra emblemática do Heidegger tardio. Com essa, se documenta o quanto o cuidado continua a desempenhar protagonismo quando em pauta está o *ser* do humano, mesmo na obra heideggeriana posterior, período em que o pensador – com radicalidade inexcelsível – desenvolve sua filosofia do “acontecimento apropriador” (*Ereignis*), mais de uma década após seu esforço inaugural de uma analítica existencial, projeto em cujo âmbito figura o cuidado.

Se por um lado o interesse por este conceito existencial se estende até tarde, ressalte-se que cedo ele desponta no horizonte desse pensamento. Aos interessados em saber sobre quando o cuidado ingressa na filosofia de Heidegger, será necessário retroagir aos anos de 1919-20, para encontrá-lo, ainda em forma prototípica, nas primeiras preleções na Universidade de Friburgo (genericamente nomeadas *Fenomenologia da vida religiosa*); nestas presenciamos interlocuções com Agostinho em torno do conceito latino de “curare”, quando em pauta está a “vida fática”. Indicações do que mais tarde será designado cuidado também tomam escopo em escritos como o *Relatório Natorp* (1923), no qual se presencia o filósofo exercitando-se fenomenologicamente na apropriação da

¹Advertência: No presente artigo deliberamos por usar traduções próprias dos extratos textuais de Heideggera partir de suas *Obras Completas*. Tal opção se justifica não apenas pelo rigor de utilizar as fontes primárias dos escritos do filósofo em seu idioma original, quanto por nos servirmos de escolhas de traduções que atendem mais pontualmente ao escopo específico deste trabalho. Estando familiarizado com as traduções disponíveis no mercado editorial luso-brasileiro das obras de Heidegger – e sem menosprezo delas – indicamos suas fontes em nossas referências ao leitor interessado num eventual cotejo entre essas versões.

filosofia prática de Aristóteles. Ali, o cuidado surge em proximidade ao conceito grego de *phrónesis*, nos contextos do “Livro VI”, da *Ética a Nicômaco* (cf. HEIDEGGER, 2002).

O painel acima, mais do que bagatela histórica, se presta a duas indicações. A primeira delas é que Heidegger, estando comprometido com a pesquisa fenomenológica, não descarta do trato com a tradição, o que só acentua o cariz histórico-hermenêutico de seu programa filosófico. Isso nos leva a avaliar que o trabalho de Heidegger junto a Aristóteles e Agostinho nos fornece mais capital para elucidar o cuidado do que aquela fábula de Higino sobre a *Cura*, registro pré-fenomenológico a que Heidegger, favorecido pelo ensejo dado por Herder, resgata do universo multicolorido dos mitos e que, àqueles que arriscam uma leitura incipiente sobre o tema têm sempre em primeiro plano, por força de sua eloquência.² A segunda indicação é a de que, entre “buscar”, “velar”, “guardar”; “curare”, “phrónesis” (e isso sem falar de frases de efeito como “ser pastor do ser”, como vemos na *Carta sobre o humanismo*), o cuidado é sempre referido como uma *práxis*.

Onde poderíamos saber mais sobre este caráter prático do ser do ente que nós mesmos somos? Ora, se abrirmos *Ser e tempo* no §41, intitulado “O ser do ser-aí como cuidado”, logo nos depararemos com um Heidegger comprometido em apreender a totalidade do todo estrutural do ser-aí. Trata-se, sem dúvida alguma, de um ponto incisivo e que conta com os muitos passos expositivos dados nos parágrafos precedentes daquela obra. Heidegger se vê imerso nessa temática por perceber um prenúncio de impasse que precisa ser logo dirimido, do contrário este poderia instilar uma crise em tal analítica (passo crucial ao processo de sua ontologia fundamental), comprometendo a tarefa de *Ser e tempo*.

A analítica existencial tem por tarefa compreender o ser-aí em seus fundamentos; necessita, para tanto, tornar visível a estrutura fundamental do ser-aí. Empreender tal investigação torna-se necessário, pois o ser-aí é o único ente que compreende o sentido de ser, podendo inclusive questioná-lo, disso depende a ontologia fundamental de Heidegger. Esta compreensão, ao longo de sua análise, oferece uma dificuldade: depende de tomar o cuidado em seu todo estrutural. Entretanto, o ser-aí é um ente *sui generis*, ele *não* é dado-de-antemão,

² Por mais que Charles E. Scott (2020) faça hábil recurso à referida fábula para pensar o caráter pré-teorético da existência.

não consiste em presença constante. Marcado pelo caráter da possibilidade, o ente em apreço sempre é aquilo que se realiza no movimento de seu existir. Desse modo, interpelamos: como compreendê-lo, no âmbito de uma analítica existencial, se ele não se apresenta como um todo cabal a ser abarcado, uma totalidade fechada a ser compreendida? Como chegar a atingir toda a estrutura do ser-aí se, enquanto um existente, ele não é “acabado”? Para Heidegger, é o cuidado, enquanto estrutura existencial, que oferece a senha para superar estes problemas. No quadro dessa investigação, o ser-aí poderia ser pensado como um conjunto existencial, que se totaliza, sempre e a cada vez, na existência, *conjugando em cada lance de seu existir toda sua existencialidade* (cf. HEIDEGGER, 1977, p. 56).

Compreendemos que aludir assim o cuidado (quer dizer, preocupados com sua implicação com a tematização do todo estrutural do ser-aí) desfoca a evidência de que este é a essência do ser-aí, isso porque, nesse quadro, o cuidado se apresenta mais propriamente como um artifício estrategicamente usado para sanear uma demanda da “economia” da análise fundamental do ser-aí, mais do que ressaltá-lo como o sentido existencial do ente em pauta. O que sustentamos é que essa abordagem toca em aspectos inessenciais do cuidado. Ora, mas então o que seria essencial naquela investigação? O que importa no conceito existencial de cuidado não é algo que se compreenda à primeira vista, sendo expressa em definição categórica; por isso mesmo requer atenção a contextos amplos nos quais ele comparece, além de alguma paciência para conseguirmos divisá-lo em seus traços mais insinuantes.

Cuidado é a estrutura existencial por meio da qual se evidencia que o ser-aí (ente marcado por indeterminação ontológica fundamental) *se determina sempre e a cada vez por meio de seus comportamentos*. Destarte, é em meio as ocupações mais cotidianas, junto aos utensílios mais imediatamente a mão e aos propósitos mais comuns, que o ser-aí vem a ser. Assim, no comportamento junto aos entes de uso, justamente no que estes têm de mais ôntico, justamente no que estas ocupações têm de mais existenciárias, o ser-aí se perfaz ontológico e existencialmente como o ente que é. O que, de maneira sucinta, significa dizer que, na existência matizada por cuidado, sua dinâmica existenciária implica no modo de ser existencial, a ôntica em seu caráter ontológico.

Ao colocarmos as coisas nesses termos, somos capazes de presumir o quanto nosso enunciado não teria provocado no leitor vaga impressão de anticlímax. Afinal, aquilo para o qual o texto deveria se encaminhar, culminando em corolário, acaba por ser dito antecipadamente. Nossa conduta, contudo, tem justificado seu motivo: ela visa o esforço de *partir do fenômeno do cuidado, seguir com ele e concluir com o mesmo*, dizendo o essencial a seu respeito; a exposição oferece este painel como base e ponto de partida para os próximos passos. Desde este plano de análise, a consideração dos elementos constitutivos do cuidado se viabiliza; elementos, até então pressupostos, se apresentam e requisitam explicitação e um trato de análise com passagens do texto de Heidegger.

Tomando estritamente, o filósofo indica o cuidado da seguinte maneira:

[...] na unidade de seus momentos constitutivos, o cuidado enquanto existencialidade, facticidade e decadência, possibilitou uma primeira delimitação ontológica do ser-aí. A estrutura do cuidado é trazida à seguinte fórmula existencial: “já-ser-antecipando-se-em (*um mundo*) como ser-junto [a] (*entes intramundanos que vêm ao encontro*)” (HEIDEGGER, 1977, p. 419 grifos do autor).

A passagem nos fornece itinerário para exposição pretendida. Esta uniria os três momentos mencionados, 1) existencialidade, 2) facticidade e 3) decadência, aos três integrantes da referida fórmula existencial: a) *antecipar-se*, b) *já-sendo-em (um mundo)*, c) *como ser-junto [a] (entes intramundanos que vêm ao encontro)*. O desenvolvimento disso é o que teremos nos próximos tópicos.

Existencialidade e o antecipar-se

Existencialidade é o nome da constituição existencial do ser-aí, trata-se do arcabouço de existenciais que integra este ente que corresponde à experiência que somos. Entre as estruturas desse conjunto está o “cuidado” (*Sorge*), seguramente um dos mais importantes dessa constituição de ente. Diz-se isso, pois o cuidado aponta o traço mais originário do ser-aí, precisamente seu *poder-ser possível*. O caminho que leva Heidegger a sustentar que o ser-aí é poder-ser é

longo e não caberia aqui,³ no entanto, com o filósofo, ainda assim é viável evidenciar que o modo de ser desse ente é da ordem da possibilidade. Desse modo, é possível ao ser-aí o poder-ser (*Seinkönnen*) de seu ser (*sein*) ou, incisivamente:

O ser-aí sempre se determina como ente desde uma possibilidade, a que ele é, isso também significa que ele, de algum modo, se compreende em seu ser. Este é o sentido formal da constituição existencial do ser-aí. Daí se encontra a indicação de que, para uma interpretação ontológica desse ente, a problemática de seu ser se desenvolve desde a existencialidade de sua existência (HEIDEGGER, 1977, p. 58 grifos do autor).

Esta afirmação nos permite compreender que a suposição de que o ser-aí seria um dado e possuiria casualmente possibilidades não procede, pelo fato de o caráter de poder-ser do ser-aí não configurar nada de efetivamente dado, i.é., enquanto possibilidade, a única coisa que este possui é o próprio poder-ser. A análise nos liga ao conjunto de sentenças que se seguem na última citação de Heidegger, pois, ao falar do caráter de meramente possível do ser-aí, evidencia-se este *poder-ser como sua determinação mais originária*. Referir-se a este caráter de poder-ser é indicar aquilo que, em nossa introdução, chamamos de *indeterminação ontológica* de tal ente. Tal como veremos abaixo, o ser-aí não é dotado de quiddidade, essência ou de qualquer outro atributo apriorístico, portanto, dizendo de maneira enfática, tudo quanto o ser-aí é se origina de um movimento de vir a ser, e esta deveniência só se dá por meio do existir. Faz-se assim compreensível aquela afirmação de Heidegger segundo a qual:

A “essência” deste ente está em seu ter-de-ser (*zusein*). O caráter-de-quê (*Was-sein* = quiddidade) deste ente, na medida em que se possa falar nele, deve ser conceituado desde seu ser (existência). Uma confusão é evitada quando usamos, para o termo *existência*, a expressão interpretativa *ser-dado-de-antemão* (*Vorhandenheit*) e existência como determinação ontológica exclusiva do ser-aí (HEIDEGGER, 1977, p. 56 grifos do autor).

Daqui decorre que a existência designa o modo com que se constitui a essência do ser-aí, essência que *só pode ser compreendida em seu sentido verbal*

³ Este relacionado à síntese de particular e universal na dialética do si-mesmo que Kierkegaard descreve na obra *O conceito de angústia*, chegando, em certo momento, a caracterizar o humano como *liberdade de possibilidades para possibilidades*. Cf. Kierkegaard (1964).

estrito, ou ainda, como um essencializar, como *essencialização*. Compreendendo assim, registra-se um uso da palavra *existência* enquanto *modo de ser do ser-aí*, enfatizando também seu contraste frente à interpretação categorial feita tradicionalmente pelas ontologias históricas como “*existentia*”, isto é, como o *fato de ser simples presença* ou, como a própria citação nomeia: um “*dado-de-antemão*” (*Vorhandenheit*).

Tal distinção ainda destaca outro traço existencial imprescindível à temática do cuidado, tratado como fundamento da experiência humana em jogo no ser-aí, a saber: a *minhidade* deste ente. O conceito de “minhidade” (*Jemeinigkeit*) se expressa na própria apresentação do ente na pauta de *Ser e tempo*, quando na formulação heideggeriana: “O ente que temos de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se comporta com o seu ser. Como um ente deste ser, o ser-aí se entrega a assumir seu próprio ser” (HEIDEGGER, 1977, p. 55). Dizer que o ser deste ente é sempre e a cada vez *meu* aponta à tarefa sempre premente que cada ser-aí tem consigo mesmo, a de ter de ser o que é. Este *ter de ser* diz, pois, unicamente respeito a si-próprio, de tal modo que a ninguém mais cabe a tarefa de realizar sua situação existencial singular, por isso falar em ser-meu ou em *minhidade*. No que se refere a esta, Heidegger diz: “O ser, no *tocante* ao ser deste ente em seu ser, é sempre meu. [...] [É por isso que], na interpelação do ser-aí, devemos tratar o carácter de *minhidade* (*Jemeinigkeit*) desse ente pelo pronome *pessoal*, dizendo: ‘eu sou’, ‘tu és’” (HEIDEGGER, 1977, p. 57 grifos do autor). O ser-aí se constitui numa apropriação, num fazer este ser *meu*. Isso quer dizer que, ao ser, está em jogo para o ser-aí *seu próprio ser*, e que este ente é o único que se relaciona com este ser, como uma possibilidade que é própria (ou apropriável) de si. O ser-aí é sempre desde seu poder-ser. Destarte, o ser-aí tem em jogo a cada instante, toda a sua existencialidade, com a qual ele existe por apropriar-se (*ereignen sich*) de seu ser.

Entre ser-possível e ser-meu, o ser-aí vê-se num processo de autodeterminação na existência, do mesmo modo, é na existência que se determina sua existencialidade. Todavia, indagamos: *E o antecipar-se? Que espaço se reserva nessa exposição ao antecipar-se anunciado no título do tópico?* Heidegger fornece elementos para responder tais questões:

O ser para seu poder-ser mais próprio, pode ser dito ontologicamente: o ser-aí já sempre se *antecipou* em seu ser. Ao ser-aí, já ser sempre “para além de si” (*übersichhinaus*), não é um comportamento frente a outros entes que ele *não* é, mas um frente ao poder-ser que ele mesmo é. Tomamos essa estrutura-de-ser do essencial “estar em jogo” (“*es geht um...*”) como o *ser-antecipando-se* do ser-aí. Esta estrutura concerne a toda a constituição do ser-aí. O ser-antecipando-se não significa algo como uma tendência isolada em um “sujeito” desprovido de mundo, mas caracteriza o ser-no-mundo. Parte disso, porém, é o que, dado a si mesmo, já foi jogado ao mundo. O abandono da existência em si mesma é originalmente mostrado concretamente no mundo. Estar à frente de si mesmo significa: já-ser-antecipando-se em um mundo (HEIDEGGER, 1977, p. 254 grifos do autor).

Em que se pese que o se anteceder corresponde ao modo projetivo com que o ser-aí existe, ou seja, refere-se ao modo existencial originário com que este ser-aí se estrutura. Assim, afirmar que o ser-aí se antecede é assinalar o projeto deste ente ao (poder-)ser em “jogo”. É, portanto, no já-ser-antecipando-se, como dinâmica ex-stática de ser-aí para seu poder-ser maispróprio, que se articula sua situação de livre parapoder-ser possibilidades existenciárias. Desse modo, o poder-ser é aquilo face ao que o ser-aí é em seu *fato de ser*. Uma caracterização formal do referido é o que teremos na sequência.

Facticidade: já-sendo-em-um-mundo

A existencialidade do ser-aí e o que mais o ser-aí pode-ser no jogo da existência, de todo modo, se determina em uma “situação”. É preciso guardar clareza quanto ao fato de o que chamamos aqui de “situação” ser indicativo de limites (ou determinações) não só ônticos, mas também ontológicos, ao existir no *aí* indicativo de sua facticidade. O que chamamos, com terminologia provisória, situação de fato (*Faktum*) ganha estofa para sua caracterização a partir de passagem na qual o autor nos diz:

Esse “que é”, velado em sua proveniência e destino, mas desencoberto tornando descerrado o caráter ontológico do ser-aí, chamamos de *jogado* desse ente em seu *aí*, de modo que ele é como ser-no-mundo face ao *aí*. A expressão “jogado” deve indicar a *facticidade do ente entregue à sua responsabilidade*. [...] [Assim] *facticidade não é a fatualidade do factum brutum de um dado-de antemão, mas um caráter ontológico do ser-aí*

assumido na existência [...] (HEIDEGGER, 1977, p. 180 grifos do autor).

Como em geral em *Ser e tempo*, a facticidade é “caráter de fato do ser-aí”, em que cada ser-aí sempre é. Temos indicada na citação a facticidade em sua ligação com o jogado (= lançado), ligame que se evidencia, por exemplo, com a noção de entrega, que é o por-ser (*zusein*) do ser-aí, a seu próprio ser na existência fática. Acerca deste, nos lembra oportunamente Sheehan (2011): “[...] Heidegger descreve frequentemente esse jogo fático como o *Daß* [que], o fato de que sempre já estamos entregues a um fato que dá significado, e do qual não há como escapar” (p. 60). A partir disso acrescentamos que, na dinâmica de existir deste ente, essa entrega determina diversos âmbitos nos quais o ser-aí imerge e se ambienta, entre os quais exemplificamos: o mundano, o histórico, o finito etc. Estes âmbitos são faticamente promovidos pelo modo com que este ser-aí mais nitidamente se determina, a saber: o ser-no-mundo. Entretanto, eles também constituem o cenário no qual o ser-aí se entrega ao que ele é e deve ser, acompanhando o ser-no-mundo durante todo seu existir. Como o ser-no-mundo lança-se incessantemente ao fático, sem nunca poder abster-se disso, tal ente encontra, a cada instante, a possibilidade de um projetar-se que se move em vista de uma destinação situada na facticidade. Considerando que o ser-no-mundo é estrutura existencial cuja cunhagem reúne todos os elementos de seu ser-aí, evidencia-se, portanto, desde este conjunto, a facticidade e o mundo. Assim, para dizer mais sobre o conceito de facticidade, utilizamos novamente as palavras de Sheehan (2011): “Facticidade é um componente essencial do ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*). Com esta se nomeia preliminarmente a apropriação do humano ao fato dos sentidos de seu mundo” (p. 60).

Falar de “mundo” e de “ser-no-mundo” poderia nos passar a errônea impressão de que o mundo seria um receptáculo para este ser-no-mundo no qual os entes, inclusive o próprio ser-aí, estariam contidos. Não é isso que diz o ser-em em pauta a facticidade (aí) do mundo. Pois o “em” (*In*) aqui não se refere a uma característica de um ente simplesmente dado em *commercium* com outro similar. O ser-em, conforme se vê através de sua co-pertinência à facticidade do ser-no-mundo, é também estrutura constituinte da existencialidade, sendo também um existencial. Desse modo, não deixa de ser significativo o fato de que: “Ser-em não significa uma ‘implicação’ espacial ao dado-de-antemão. O ‘em’ não significa

originariamente relação espacial desse tipo; ‘em’ vem de ‘*innan*’ morar, habitar, manter-se; ‘*an*’ significa: estou habituado a..., familiarizado com... eu cultivo algo; ele possui significado de ‘colo’, no sentido de abrigo e diligo”(HEIDEGGER, 1977, p.73). Todas essas figuras, por si só, indiciam significados mais ricos do que o da mera interioridade. Dissemos que o ser-aí é um em-mundo, este possui a dimensão de “ser-jogado-em-um-mundo”. Nesta fica definida a limitação fática deste ente e, a partir desta, o ser-aí passa a ser um projeto articulado à facticidade; destarte, o ser-no-mundo é ente aberto e jogado na conjuntura de um mundo fático específico. Implicação imediata disso, aponta Reiner Schürmann (2016): “Como o ser-aí é em um mundo fático, nem tudo é possível a ele. Em virtude de sua própria ‘facticidade’, várias possibilidades são limitadas ao ser-aí” (p.154). Facticidade é o que dá limites ao horizonte significativo primário de constituição do projeto da existência, fornecendo “balizas” às possibilidades do ser-no-mundo. A facticidade do mundo, portanto, toma parte na existencialidade finita de tal ente, realizando-se também na dinâmica projetiva de ser do ser-no-mundo.

A maneira com a qual este ser-no-mundo se auto interpreta como imerso em um mundo de entes é o que veremos agora.

Decadência: ser-junto-a-entes-que-lhe-vêm-ao-encontro

A facticidade, tal como predita, é determinação existencial do ser-aí. É face a seu aí, justamente no ponto em que esta toca no momento constitutivo mundo, que o ser-no-mundo atua junto aos entes que imediatamente lhe vêm ao encontro para uso (= utensílios). A partir da situação fática do mundo se aponta que o já-ser-antecipando-se-em-um-mundo do ser-aí dar-se sempre *junto aos entes* intramundanos aos quais estamos sempre ligados e que o ser-no-mundo apropria em contextos existenciários de uso. O “junto” em questão aqui traz consigo o contexto no qual o ser-aí está quando é no mundo. Esta “conjuntura” (= conformidade) traduz a experiência de *ser-junto-a*. Do mesmo modo, o “junto” aqui não deve ser compreendido como qualquer tipo de justaposição de coisas dadas.

Em contextos fáticos de ser-em, modos de ocupação se arranjam

coerentemente às necessidades que as situações do mundo requisitam; instituem-se comportamentos, procedimentos e sinais que se enredam em conformidade de referências desde as quais o ser-no-mundo se vê inserido, se comportando em contextos mundanos. Nos comportamentos do ser-no-mundo, assumidos junto aos entes que se lhe apresentam, pode ser divisada a marca do cuidado, isso porque, comportando-se junto aos entes de uso (utensílios, ferramentas, instrumentos...), o “‘Cuidar’ tem em vista o ‘sentido de ligação’ do comportamento, ou seja, o fato de o comportamento ser caracterizado como expresso pelas ‘ligações’ da significância no contexto do que é auto evidente” (FIGAL, 2005, p.194). Disto resulta que o cuidado não consiste apenas num retorno a uma ipseidade, desvinculando assim o *ser-aí* do mundo no qual este está jogado. É precisamente na facticidade, designada pelo termo *aí*, que o *ser-aí* se movimenta e é através da dinâmica comportamental que o cuidado, como a essência de sua existência, precisa ser visado. O ser-no-mundo vê-se ocupado, em alemão ocupação é *besorgen*; na lida com os outros, ele é *fürsorgen*, seja na forma do preocupar, do ser solícito ou mesmo ao evitar o convívio. Nesses casos, identificamos o radical *-sorgen*, que designa o cuidar, o cuidado (*Sorge*).⁴ Isso evidencia que, mesmo no comportamento mais desprezioso junto aos utensílios mais corriqueiros de nosso cotidiano, estamos desde cuidado. Desse modo, cuidando mediante ocupação e preocupação, o ser-no-mundo se endereça a suas realizações.

O cuidado atua na existência ainda que estejamos indiferentes a ele *e, na enorme maioria das vezes, assim estamos*. Cotidianamente, quando muito atentamos ao caráter prático da ocupação, nutrindo uma compreensão meramente ôntica do cuidado próprio, isso porque, junto-a-entes-intramundanos-que-lhe-vêm-ao-encontro o ser-no-mundo se vê num registro de ocupação com estes que já são sempre apropriados significativamente como utensílios. Contudo, absorvido pela rotina ocupacional junto a esses entes, o ser-aí os interpreta como passíveis de possuírem propriedades ou atributos e – por extensão e como que por descuido – também a si mesmo como também entes da mesma natureza, ou seja, entre os muitos dados que o cercam, o ser-no-mundo passa a interpretar-se como igualmente dado-de-antemão. Significa dizer que o ser-no-mundo, enquanto ser-

⁴ Esta referência ao cuidado, em sua ligação com a preocupação, é feita em caráter preliminar. Desdobramento dela será dado no tópico seguinte.

junto-a-entes-intramundanos-que-vêm-ao-encontro, a partir de tal lida, se instala na decadência, modo de ser no qual tal ente não dá conta de si, modo impróprio de seu existir. Decadência constitui, portanto, um modo distinto do ser-no-mundo no qual ele está completamente absorvido pelo 'mundo'. Decadência, enquanto situação de fato do ser-no-mundo, é também um existencial e, longe de ser considerada traço de um comportamento moral (um que se poderia ajuizar como reprovável ou degradado), constitui, para Heidegger, algo inerente à existênciapossível deste ser-aí. Desse modo, embora possuindo ênfase na significação *ontológica* deste ente, a decadência não poderia deixar de trazer também sua concretização no plano *ôntico, existenciário*.⁵

Mas e o cuidado, pensado como práxis, que resulta naquilo que o ser-aí é, como estaria relacionado à exposição acima? Como o ser-aí se põe diante da tarefa de ser propriamente quem é na existência? O próximo tópico nos fará meditar sobre essas questões.

Cuidado em face à decisão

Após a análise percuciente da tríade existencialidade-facticidade-decadência, como fundamental ao *ser-aí*, não mais devemos incorrer na implausibilidade de interpretá-los como estanques. Afinal, se não há uma delimitação que os defina, há um entretecimento entre eles a partir do qual não é possível falar de existencialidade na ausência da facticidade (ou seu contrário). Destarte, é lícito afirmar que esses caracteres se movem conjuntamente; por se moverem nessa unidade é que se pode indicar fenomenologicamente o modo de ser do ente enfocado, é o que temos na seguinte passagem de nosso filósofo:

Essas determinações existenciais não são como peças que pertencem a um composto em que uma dessas pudesse eventualmente faltar. Com elas se tece um contexto originário que constitui a procurada totalidade do todo estrutural. Na unidade dessas determinações ontológicas do ser-aí é que se poderá compreender ontologicamente esse ser como tal (HEIDEGGER, 1977, p. 254).

⁵ Isso é observado até mesmo nos parágrafos mais avançados de *Ser e tempo*, como Crowell (2002) nos permite entrever, em momento pontual de seu comentário.

Manifestamente, é a partir dessas determinações em sua mútua implicação que passa a ser possível compreender que o *ser-aí* pode decidir acerca de seu si-mesmo na existência e a respeito de seu ser mais próprio. Desse modo, ressalte-se que é na compreensão do sentido dessa implicação que o *ser-aí* passa a saber o *cuidado* como um poder-ser autêntico, i. é., como possibilidade de cuidar por ser propriamente na existência. Dizendo de outro modo, o todo imediatamente referido na citação só se constitui ao passo que tais estruturas, enquanto conjunto de traços ontológico-existenciais do ente que somos, é tomado como o que vai mais além dos comportamentos e significações existenciárias, ônticas. Significa que o ser do *ser-aí* está em jogo, dando-se apenas ao passo em que estes caracteres auxiliam o *ser-aí* em sua compreensão existencial.

Em *Ser e tempo*, observamos o filósofo utilizar a expressão “já-ser-antecipando-se” (*Sich-vorweg-schon-sein-*). Portanto, no contexto aqui em pauta, este deve ser apropriado como evidência de que o *ser-aí*, em seu modo de ser ontológico-existencial, sempre está diante de possibilidades significativamente engendradas no campo fenomenal que o mundo constitui. Deve também evidenciar-se aqui que este já-ser-antecipando-se acena ao poder-ser do *ser-aí* nas possibilidades de sua existência e que, no porvir próprio a este ser-antecipando-se na existência, dá-se não como um comportamento relativo a outros entes que ele não é, mas como ser para o poder-ser que ele mesmo é. *Ser-aí*, no entanto, não é só o ente que se antecipa a seu ser, Heidegger acrescenta à estrutura do “já-ser-antecipando-se” o complemento: “já-ser-antecipando-se-em-um-mundo”. Com isso, o filósofo atinge a configuração do *ser-aí* como ente que pode-ser possibilidade, ou seja, o *ser-aí* é nessa unidade de modos de ser. Ser-no-mundo se mostra agora como o *todo* da configuração ontológico-existencial do ente que somos.

Desde essa ligação dos vários modos de ser, pode-se agora retomar o vínculo existencial no qual se inserem os três caracteres tematizados (existencialidade-facticidade-decadência), em conformidade com a formulação de Heidegger na descrição fenomenológica operada em *Ser e tempo*. É nesse momento que, de forma enfática, Heidegger aponta o desfecho do movimento de exposição dos momentos constitutivos do cuidado, sendo oportuno determinar o *quem* do ente cuja analítica existencial se ocupa de tratar. Naquela citação que formula a estrutura do cuidado como “[...] já-ser-antecipando-se-em (*um mundo*)

como *ser-junto* [a] (*entes intramundanos que vêm ao encontro*)” (HEIDEGGER, 1977, p. 419 grifos do autor), não temos apenas a caracterização do cuidado, mas também a expressão positiva de seu *modo de ser*. Cuidar é o referido modo de ser, este que perpassa a totalidade do todo estrutural do *ser-aí* e, por este motivo, nosso autor o denomina “essência” do ser-no-mundo. O ser-aí, enquanto existente, é cuidado, este que se apresenta e é significativo diante da compreensão de existência como poder-ser, uma vez que este poder-ser se mostra ligado às possibilidades de um mundo e os sentidos dos comportamentos viáveis em seu âmbito.

Em *Ser e tempo*, Heidegger indica que o cuidado é essencial à existência do ser-no-mundo, mas que há outras formas com as quais o mesmo cuidado se apresenta, desse modo: “[...] pode-se compreender, nas análises precedentes, o ser junto ao manual como *ocupação*; o ser com o encontrado intramundano, na coexistência (*Mitdasein*) com os outros, pode ser apreendido como *preocupação*” (HEIDEGGER, 1977, p. 256 grifos do autor). Aqui, o próprio Heidegger parece tentar tornar fecundo seu texto indicando duas derivações do cuidado, notando-se três acepções deste.

Primeiro, com a palavra alemã *Sorge*, temos expresso o que há de mais fundamental na existência do *ser-aí*. *Sorge*, enquanto cuidado, é pertencente ao *ser-aí* como seu modo de ser básico. Cuidado, desse modo, é cuidado por sua existência mesma. Ainda no parágrafo em apreço (§41), nosso filósofo ratifica tal ideia ao dizer que: “Cuidado não significa, portanto, primária e exclusivamente, um comportamento isolado do eu consigo mesmo” (HEIDEGGER, 1977, p. 256). Tal como derivamos daqui, ainda que aparentando possuir influência mais significativa face às outras modalidades, o cuidado enquanto tal deve ser tomado não como modo de ser apartado da totalidade estrutural do *ser-no-mundo*, mas dá-se como o ser do *ser-aí*, primariamente aos outros modos de ser.

Derivação do cuidado enquanto tal (*Sorge*), *besorgen* é o vocábulo indicativo do modo com que, na grande maioria dos casos o ser-no-mundo, se encontra. O que implica dizer que o ser-aí existente no mundo vê-se, desde o início, ocupado. *Ocupação* é, então, comportamento que se dá junto ao ente à mão (*Zuhandenheit*) para determinado afazer, por meio do ocupar o ser-no-mundo descobre os contextos de uso do mundo e vê-se imerso na rede de significação discreta cujas remissões servem, de algum modo, aos afazeres que

podem ser recorridos em acordo às demandas práticas de ocupação de cada ser-no-mundo.

Segunda derivação do cuidado, a preocupação (*FüSORge*) é o modo com o qual o *ser-aí* vê-se implicado a outro ente que possui a mesma estrutura existencial, trata-se da coexistência com outro ser-no-mundo. Dizendo de modo sumário, é esse o sentido e o significado em jogo na *preocupação*.

Rematando a exposição acima, indicamos que, em detrimento de considerarmos as duas derivações, em um trabalho como o nosso, ainda é necessário conservar o acento no cuidado devido a sua originalidade (pré-condição, inclusive, para se pensar no caráter derivado dos demais). Isso estabelecido, depreende-se que não se pode falar de cuidar tão somente enquanto *Sorge* (cuidado), também *besorgen* (ocupar) e *FüSORge*(preocupação) requerem consideração atenta. Ocupação e preocupação são figuras do cuidado, de tal forma que quando usamos simplesmente o termo “cuidar” já nos reportamos a este de modo a compreendê-lo como *cuidado ocupado-preocupado*, com isso, desejamos apontar enfaticamente que, em tais comportamentos (ocupação e preocupação) é o cuidado que está em pauta. A descrição fenomenológica do cuidado se confirma por meio do próprio Heidegger em mais de uma sentença que poderíamos usar para legitimar nossa exposição, estas, de maneira geral, indicam o quanto nossos comportamentos são correlatos ao cuidado.⁶ Todavia, bem nos servimos de uma síntese sobre a implicação das noções de cuidado, de comportamento e do caráter ontológico da existência face ao cuidado dada no comentário de Irene Borges-Duarte (2017):

A forma dessa relação é a que Heidegger denominou cuidado (*Sorge*). No cuidado, as coisas e os humanos revelam-se em presença, mas também em projeto e como retaguarda vital de cada um. O cuidado transe o caminhar da nossa existência quer formalmente [...] quer onticamente na produção de configurações comportamentais e simbólicas específicas. Em sentido próprio, na máxima autenticidade, ou em sentido impróprio, ou até mesmo caindo em descuido, o vínculo homem-ser é o cuidado (p. 11-12).

Tal como vemos aqui, o ser-aí humano, enquanto ente de possibilidades existenciais, pode existir de modo próprio, buscando sempre realizar-se coerentemente ao projeto de sentido de sua existência, esta realização tem lastro

⁶ É o que temos em Heidegger (1977), especialmente p. 256.

no cuidar.

É preciso destacar, porém, que o ser-no-mundo, na maioria das vezes, está desde impropriedade (o que na citação também foi referido como descuido), existindo de modo a esquivar-se de si-mesmo. Significa afirmar que o ser-no-mundo, desde decadência, existe de modo a desconhecer e mesmo evitar o cuidado ou qualquer outro modo de ser que implique responsabilidade por ser quem se é, por ser si-mesmo.⁷ Tal fenômeno é corroborado pela ocorrência de a existência cotidiana e típica do “se” (*das Man*), própria à decadência do ser-no-mundo, só ratificar sentidos e modos de existência operados face a este que dão alento ao que poderíamos chamar de uma “fuga de si-mesmo”. A interpretação de que existimos de modo conforme aos sentidos comuns de um mundo cotidiano (esse expresso na forma de uma confortável tranquilidade que parece mesmo nos abonar do cuidado por ser propriamente quem somos) é indício de que nutrimos uma compreensão ôntica de nossa situação ontológico-existencial. Conformidade e tranquilidade que só são suspensas durante a crise que a tonalidade afetiva da angústia pode disparar; este *pathos*, embora desempenhe papel heurístico, permanece em latência, podendo aflorar abruptamente a qualquer momento.

Na crise patética da angústia, os fenômenos significativos da existência, outrora embotados, são restituídos em sua evidência, já que os sentidos cotidianos da existência se inibem permitindo que o ser-no-mundo se veja novamente confrontado com a abertura desde a qual o mundo pode novamente ser visto como um horizonte de possibilidades. É no campo fenomenal evidenciado pela tonalidade afetiva fundamental da angústia que o ser-aí pode novamente “tomar pé” quanto aos sentidos próprios a sua existência desde uma reafirmação de seus projetos, para os quais o cuidado, enquanto essencial à existência desse ente, é realizador dessa autenticidade. Desde o cuidar, portanto, o *ser-aí* pode assumir-se propriamente em liberdade. Tal assunção significa retomar o sentido próprio de seu existir, alterando os sentidos consolidados na mediania cotidiana. É desse modo que o caráter prescritivo do “se” deixa de exercer seus influxos para que o ser-aí possa escolher realizar propriamente seus projetos existenciais de sentido já desde seu horizonte de possibilidades. A liberdade na qual se decide, convém assinalar, não é desvinculada de uma resposta a si-mesmo, quer dizer, o existir nos exige sempre um posicionamento

⁷ Quanto a isso, novamente Borges-Duarte (2017) assim como Kahlmeyer-Mertens (2015).

frente a nós mesmos, pelo fato de ele ser um ente livre para poder-ser possibilidades e ver-se comprometido com as possibilidades apresentadas no descerramento do mundo.

Decidir, tal como supramencionado, é tomar posição frente às possibilidades que a angústia abre ao ser-aí; decisão (*Entschlossenheit*), assim, é “fechar com” um projeto de sentido coerente a existência mais própria ao retomar a existência como poder-ser possível. Tais projetos e sentidos antes estariam embotados pela absorção do ser-aí na semântica de uma facticidade sedimentada de um ser-no-mundo desde a cotidianidade mediana. Nessa decisão, assim interpretamos, não deixa de estar também em jogo o cuidado próprio em sua ligação com o caráter de ser-aí, trata-se, pois, de um índice de autenticidade da existência deste ente. Na decisão, o que se decide e a assunção da realização de determinado projeto existencial de sentido do ser-no-mundo singular. Este fator impele o ser-no-mundo à decisão, antes que ele retorne ao conforto e tranquilidade observáveis (e já aludidos por nós nesse artigo) na decadência; antes que ele se reconduza à conformidade tranquilizadora das ocupações cotidianas, na qual se atenua o risco da angústia e se turva o vislumbre de uma decisão. Em *Ser e tempo*, Heidegger descreve a consciência como traço do cuidado que chama para uma decisão, em seus termos:

A consciência se abre como chamado do cuidado: quem chama é o ser-aí que, jogado (já-ser-em...), se angustia acerca de seu poder-ser. O chamado é igualmente este ser-aí, chamado para assumir o seu poder-ser mais próprio (ser-antecipando-se ...) o que chama é o ser-aí para sair da decadência no “se” (já-ser-junto-ao mundo das ocupações). O chamado da consciência, quer dizer, que ele mesmo, tem sua possibilidade ontológica em que o ser-aí, no fundamento de seu ser, é cuidado (HEIDEGGER, 1977, p. 369 grifos do autor).

Escandindo a passagem acima, temos que face a este chamado (que não se dá por vocalização de qualquer tipo, mas uma constelação de sentidos que coloca a existência do ser-aí na tensão face àquilo que ele pode propriamente ser), temos o que Heidegger nomeia consciência (*Gewissens*), chamado (*Rufen*) ao *ser-aí* para que este se empenhe no seu mundo pela resolubilidade que resulta na recuperação de seu poder-ser mais próprio.

Poderíamos delinear, por fim, como o ser-no-mundo, no tocante a seu próprio existir, já ex-siste jogado na facticidade de um mundo no qual, no início e na maioria das vezes, se observa a decadência como um obscurecimento e um distanciamento do ser-próprio. A angústia, libertadora do ser-aí do poder prescritivo dos sentidos do mundo, mostra o quanto este é *liberdade para poder-ser possível*. A liberdade, nesse contexto específico, é transcendência perante à facticidade de um mundo específico ou, por outras palavras, “[...] a concepção de liberdade é a concepção de um estar aberto para a abertura do ente” (FIGAL, 2005, p. 89), na qual pode, enfim, se configurar um projeto de sentido e, face a este, as decisões possíveis ao existente que o ser-aí é. A decisão, por sua vez, é o que se dá em face ao incessante chamado da consciência (*Gewissen*) que sempre chama o ser-aí para que realize, diante da antecipação a seu ser para um poder-ser, um sentido próprio à sua existência. O que direciona e, simultaneamente, acompanha esses momentos é *cuidado*, este que é essência da existência do ser-aí, seu fundamento ontológico-existencial.

Considerações finais

Desde nossa longa consideração introdutória, perseguimos o propósito de enfocar o cuidado como estrutura que, mais do que compor a totalidade do todo estrutural do ser-aí, permite divisar como os comportamentos deste ente determinam seus modos de ser na existência. Com essa chave de leitura, implicante em delimitação temática tão específica, renunciamos discutir se o cuidado integraliza (ou se deixa de integralizar)⁸ o conjunto existencial do ente que somos. Em lugar disso, focalizamos a estrutura como um existencial e, como tal, concernente ao caráter de possibilidade do ser-aí, e do quanto o cuidar constituiria a essência da existência desse. Nisso consistiu nossa premissa mais básica.

Para o proposto, como se viu, empenhamo-nos em evidenciar o quanto o cuidado, intrínseco ao modo prático da existência – portanto a sua dimensão existenciárias (ôntica) – está fundamentalmente imbrincado ao que o ser-aí se torna ao existir. Com efeito, elucidou-se, o quanto o cuidado está também conexo

⁸ É conhecida a contundente crítica de Figal a Heidegger quanto a formula do cuidado não ser capaz de traduzir o todo estrutural e funcional da existência do ser-aí. Quanto a isso, Figal (2005, p. 193).

à dimensão existencial do ser-aí e, logo, ao seu modo ontológico. Afirmações como estas, no entanto, requereram uma exposição dos momentos constitutivos do cuidado, de sorte que foi o movimento de apresentação da existencialidade, da facticidade e da decadência que resultaram propriamente na matéria desse artigo. É com base na análise deste material que podemos declarar saldos compreensivos desse exercício.

Tendo em discriminação atenta o arcabouço existencial do ser-aí, a análise da existencialidade nos defrontou com o caráter de possibilidade do ser-aí vigente em cada componente do ente que ele é. Existenciais – como depreendeu-se da exposição elaborada – não são categorias de uma *coisa*. Isso porque, o que quer que o ser-aí venha a ser, já se torna desde a dinâmica da ex-sistência, para a qual o ímpeto de já-ser-antecipando-se está na base (em vez de presumida substância). Foi justamente por isso que a tematização da existencialidade se deu à luz do já-ser-antecipando-se. Dali derivou-se que o ser-aí (ente ontologicamente indeterminado a priori) depende de ser em uma antecipação de si mesmo, para que, no movimento de existência, se determine continuamente como o ente que é e pode ser.

É substancial dizer que, o momento de tematização da facticidade, em nosso texto, patenteou-a como o existencial que confere limites de fato ao horizonte significativo do ser-aí, limitação ou condicionamento das possibilidades existenciais desse. Formulada em vista do ser-em, a facticidade é também indicativa de quanto é em face de um *aí* que tal ente tem em jogo seu ser em *situação*. Nessas mesmas situações faticamente condicionadas, o ente que somos, constitui-se como ser-no-mundo, o que nos permitiu extrair que o cuidado, em sua problemática, dá-se de maneira análoga ao ser-no-mundo. Com efeito, disso resulta que, estruturalmente, o cuidado é o que se dá situado por confins de um mundo fático específico, para o qual o “aí”, o “em” e o “mundo” indicam o quanto tal existencial se destaca por sua concretude e abrangência na compleição do ser-no-mundo.

A análise da facticidade como o já-ser-em-um-mundo, desse modo, conduziu-nos do *em* do ser-no-mundo à investigação do modo com o qual tal ente se vê conformemente aos entes intramundanos que vêm ao nosso encontro já requisitando uso. Desde a lida comportamental, enquanto modos de ocupação e preocupação (nos quais está ativo o cuidar) pudemos atentar ao modo com o

qual Heidegger nos exhibe o ser-no-mundo absorvido na lógica das ocupações. Tal como pretendemos sustentar, do cuidado atuante na dinâmica comportamental, embora à primeira vista seja existenciário-ôntico, é originário ao próprio ser-no-mundo; isso na medida em que, *me torno o que sou a partir do que faço, junto aos entes a mão para o uso, com os outros e realizando propósitos que dizem respeito ao meu ser-próprio*. Ao enunciarmos assim acerca do cuidado, consideramos com segura distinção que está em jogo a determinação dos comportamentos práticos e suas implicações ontológicas, de sorte que compreendemos por cuidado não apenas um traço pragmático ou econômico do ser-no-mundo, mas no cuidado incide o modo essencial da existência do ser-aí.

Os comentários de Schürmann (2016) e Scott (2020), sobre o mesmo fenômeno, deslindam-se no sentido de acentuar que este não se refere apenas ao ser do humano, mas também ao modo com o qual lidamos junto aos entes na totalidade. Com isso no fulcro de suas leituras, está em causa se tal existencial constitui unidade ocupacional e funcional junto ao manual intramundano, constituindo mesmo a liberação dos entes para que eles entrem na lida de modo pré-teorético (*vorthoretische*), o que, sem dúvida, constitui uma via privilegiada da fenomenologia de Heidegger para pensar a questão do conhecimento. Traduzido nas palavras de Schürmann (2016): “Esse fundo transcendental para a aparência precisa ser chamado de cuidado numa fenomenologia que não começa com atos de consciência, mas com a fenomenalidade da vida cotidiana” (p. 160).

Em lugar de tematizar esse traço do cuidado (indicativo do manual intramundano como passível de uso, modo que dispensa um crivo racional ou cognitivo, mas que conta com a dação dos intramundanos mediante dinâmica própria ao cotidiano do ser-no-mundo), nossa exposição, em coerência aos estabelecimentos anteriores e sopesando a amplitude do conceito, ensaiou tratar o cuidado em vista de suas modalizações na existência. Compreendemos agudizar a tematização do cuidado ao indicar que, o ser-aí é possibilidade de ser próprio na existência e, justamente em face dessa possibilidade, ser igualmente possibilidade de sua contraparte, a impropriedade. Face a possibilidade do cuidado próprio, os desenvolvimentos últimos de nosso artigo mostraram como o cuidar por ser si-próprio necessita de certo “descolamento” da semântica sedimentada do mundo das ocupações e se consoma com a decisão (mediante o chamado da consciência) por assumir sentidos não estabelecidos decadentemente

na cotidianidade mediana e na mediação com os outros no “se”. Em vez disso, realiza-se na existência, mediante a consideração de um projeto de sentido possível de ser conformado face às possibilidades expressas no mundo fático no qual nosso ser permanece sempre em jogo.

Traçando nossas linhas finais, é necessário dizer que também nesse cenário, a essência do ser-no-mundo evidencia-se como o cuidar por ser mediante comportamentos determinantes de quem se é; o que nos leva a registrar que o poder-ser aponta à destinação do ente que somos face à conjugação das possibilidades de si-mesmo no cuidar. Chegando a nosso corolário: *cuidado é o buscar, o velar e o guardar dessas possibilidades.*

Referências

CROWELL, S. G. Metaphysics, Metaontology, and the end of *Being and Time*. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL. *Heidegger Re-examined – Dasein, Authenticity and Death*. Vol. I. New York; London: Routledge, 2002, p. 345-370.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. *10 Lições sobre Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KIERKEGAARD, S. A. *Der Begriff Angst – Eine simple psychologisch-hinweisende Erörterung in Richtung des dogmatischen Problems der Erbsünde von Virgilius Haufniensis*. (Übers./Hrsg.) Liselotte Richter. München: Rowohlt, 1964.

HEIDEGGER, M. Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis). In: *Gesamtausgabe – III. Abteilung: Unveröffentlichte Abhandlungen Vorträge – Gedachtes*. Band. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1989.

HEIDEGGER, M. *Contribuições à filosofia – Do acontecimento apropriador*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

HEIDEGGER, M. Ontologie (Hermeneutik der Faktizität). In: *Gesamtausgabe – II. Abteilung: Vorlesungen*. Band. 63. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1988.

HEIDEGGER, M. *Phenomenological Interpretation of Aristotle*. Transl. Richard Rojcewicz. Indiana University Press, 2001.

HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. In: *Gesamtausgabe – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970*. Band. 2. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: EdUNICAMP/Petrópolis: Vozes, 2012.

FIGAL, G. *Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

SHEEHAN, T. Facticity and *Ereignis*. In: DAHLSTROM, D. O. *Interpreting Heidegger: Critical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 42-68.

SCHÜRMAN, R. O *Ser e tempo* de Heidegger. In: CRITCHLEY, S.; SCHÜRMAN, R. *Sobre Ser e tempo de Heidegger*. (Ed.) LEVINE, Steven. Trad. Bernardo Sansevero. Rio de Janeiro: MauadX, 2016, p. 101-246.

SCOTT, C.E. Cuidado e autenticidade. In: DAVIS, B. *Martin Heidegger: Conceitos fundamentais*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 90-104.

RECEBIDO: 23/07/2020
Aprovado: 25/05/2021

RECEIVED: 23/07/2020
Approved: 25/05/2021